



FRANGO FRITO, OU UMA OUTRA DIDÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA



FRIED CHICKEN, OR ANOTHER DIDACTIC IN MATHEMATICS TEACHER TRAINING

POLLO FRITO U OTRA DIDÁCTICA EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE MATEMÁTICAS

Ivan Fortunato¹

Resumo: O artigo é um ensaio que apresenta, discute e promove reflexões e inflexões a respeito da disciplina de Didática desenvolvida no segundo semestre letivo de 2022, no curso de licenciatura em Matemática, do Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga. De maneira democrática e nada ortodoxa, os saberes da disciplina foram trabalhados de forma metafórica por meio de um sarau temático que envolveu quatro artes distintas: a culinária, o artesanato, a música e a poesia. Ao final, destacam-se que diversão, criatividade, alegria e felicidade são elementos possíveis na educação e condizem com uma outra formação de professores, que busca a transformação do arcaico modelo bancário.

Palavras-chave: Didática. Educação. Formação Docente.

Abstract: The paper is an essay that presents, discusses and promotes reflections and inflections regarding the discipline of Didactics developed in the second semester of 2022, in the degree course in Mathematics, at the Federal Institute of São Paulo, Itapetininga campus. In a democratic and unorthodox way, the discipline's knowledge was metaphorically worked through a thematic soirée that involved cooking. In the end, it is highlighted that fun, creativity, joy and happiness are possible elements in education and are consistent with another teacher training, which seeks to transform the archaic banking model.

Keywords: Didactics. Teacher Education. Education.

Resumen: El artículo es un ensayo que presenta, discute y promueve reflexiones e inflexiones sobre la disciplina de la Didáctica desarrollada en el segundo semestre de 2022, en la carrera de Licenciatura en Matemática, en el Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga. De manera democrática y heterodoxa, se trabajó metafóricamente el conocimiento de la disciplina a través de una velada temática que involucró la cocina, la artesanía. Al final, se destaca que la diversión, la creatividad, la alegría y la felicidad son elementos posibles en la educación y están en consonancia con otra formación docente, que busca transformar el modelo bancario arcaico.

Palabras-clave: Didáctica. Formación de Profesores. Educación

Submetido 23/12/2022

Aceito 20/01/2023

Publicado 03/02/2023

¹ Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP), Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (IB/UNESP) e Doutor em Geografia (IGCE/UNESP). Professor do IFSP, campus Itapetininga. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1870-7528>. E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br

Frango frito...

Este artigo é um ensaio que apresenta, discute e promove reflexões e inflexões a respeito de parte das experiências pedagógicas desenvolvidas ao longa disciplina de Didática Geral, no segundo semestre letivo de 2022, no curso de licenciatura em Matemática, do Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga.

Essa disciplina aconteceu de forma presencial no curso, depois de dois anos de apenso, realizada emergencialmente remota por conta da pandemia da covid-19. Aqui, neste escrito, não se discute a pandemia e os aprendizados refratários que foram ignorados de forma mais geral pela nossa sociedade. Isso porque tais discussões, deveras necessárias, já foram feitas em outros textos (Fortunato, 2022a; Fortunato, 2021; Fortunato et al, 2021). Embora a pandemia, o mundo remotamente emergencial e seus desdobramentos ainda careçam de profundos exames, aqui o interesse é na (re)leitura das experiências presenciais, do contato humano, que foram vivenciadas na disciplina de Didática Geral.

Pois bem, a disciplina teve início na primeira semana de agosto e seguiu até a primeira semana de dezembro. Segundo a grade de ofertas vigente, essa disciplina faz parte do quarto semestre do curso. Considerando o período emergencial remoto de dois anos, os estudantes do quarto semestre letivo tiveram, até o momento de início da disciplina, dois semestres totalmente no modo à distância e um semestre presencial. Mas, importante anotar que, no contexto específico da disciplina, havia estudantes de outros semestres. Não obstante, não havia ainda tido a oportunidade de lecionar para nenhum dos estudantes matriculados na disciplina, sendo, portanto, nosso *debut*.

Já registrei em outros artigos como tenho trabalhado como professor formador (Fortunato, 2022b; 2020), mas, é necessário breve retorno para contextualizar o percurso dessa disciplina nesta turma específica.

Basicamente, todas as disciplinas que me são atribuídas nos cursos de formação docente começam com uma pergunta coletiva: o que podemos fazer para que nosso tempo, aqui neste Instituto, nesta sala de aula, seja prazeroso, divertido e significativo? Afinal, são 19 encontros semanais por semestre, sendo que as disciplinas variam de 100 a 200 minutos por semana. É muito tempo. Assim, nada mais justo e coerente, para todos nós, que esse tempo seja bem usufruído.

Essa primeira pergunta amiúde requer essa explicação sobre o bom uso do tempo, pois ela é sempre seguida de outra, cuja resposta exige algo mais específico, objetivo e concreto, pois trata do que se pode aprender e como serão registradas as aprendizagens por meio do se convencionou chamar de “avaliação”. Ou seja, a segunda pergunta fica parecida com: o que vamos fazer neste semestre que pode nos ensinar alguma coisa e como vamos atender às exigências de nosso regimento didático de apresentarmos, no mínimo, o registro de duas avaliações por meio de instrumentos diferentes em nosso diário de classe?

Pois bem, após algumas palavras a respeito dessas perguntas, fui logo apresentando para esta turma de Didática Geral os educadores que têm sido meus suportes pedagógicos no ofício de professor formador. Começamos com Célestin Freinet, pois entendo que sua forma de escrever é leve, simpática ao leitor, mas, ao mesmo tempo, traz inquietações sobre educação, escola e docência que pode nos levar a questionar toda nossa própria escolarização (Fortunato; Cunha, 2017; Imbernon, 2017).

Aliás, gosto de começar com Freinet, pois sua simplicidade tem a capacidade de colocar em xeque várias crenças a respeito da vida escolar, principalmente ao apontar outra forma de se vivenciar os anos de escola (Fortunato, 2022c). Sua pedagogia é tão encantadora que uma das expressões mais recorrentes após o primeiro contato com Freinet é: “queria que minha escola tivesse sido dessa maneira”.

Ao longo das primeiras aulas, enquanto educadores iam sendo apresentados e discutidos em sala, parte do tempo da própria aula era destinado para descoberta de como aquele tempo seria mais bem usufruído por todos nós. Afinal, uma coisa era despertar a curiosidade e o interesse por outra educação, fascinando os estudantes para um realidade que não se configurava de fato; outra coisa era partilhar pedagogias outras que, de maneira análoga aos textos, fossem efetivamente vivenciadas. Como isso era feito? Por meio de conversas francas sobre educação, ensino, avaliação, objetivos, modos de ver o mundo etc.

Inevitavelmente, toda turma nova passa por um período de estranhamento, pois a condução da disciplina é partilhada entre todos – professor e estudantes. Esse estranhamento acontece pois historicamente (e fui percebendo que não importa se os estudantes são jovens recém-egressos do Ensino Médio ou adultos com mais de 60 anos), praticamente todo processo educativo vivenciado, desde a educação infantil ou primeiro ano de ensino fundamental, implica

responder comandos: docentes expõem conteúdos, atividades e avaliações e estudantes realizam as tarefas de ouvir e reproduzir.

Com essa turma, o estranhamento também envolveu boa parte das discussões em aula. E, ao longo dos anos (exceto no período emergencialmente remoto), pude ir percebendo que os estudantes lidam com isso por meio de perguntas que voltam sempre ao já conhecido modelo tradicional: O que o professor espera com essa atividade? Como seremos avaliados? Qual é o conteúdo que devemos apreender? Essas e outras perguntas análogas têm o objetivo de retornar à habitual escolarização conhecida que, não obstante, é a mesma que se tenta romper por meio de *slogans* como “metodologias ativas”, “protagonismo do aluno”, “escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI” e até mesmo “4 pilares da educação” promovidos pela UNESCO.

Essas perguntas são boas, justamente porque permitem que essas expressões prontas sejam esclarecidas, evidenciadas como contraditórias. Afinal, enquanto anunciam uma espécie de salvação da educação, raramente são utilizadas como enfrentamento ao secular modelo tradicional, ou bancário para usar termo caro a Paulo Freire. E essa contradição é bastante antiga, como identificamos no movimento da Escola Nova (Almeida Neto; Fortunato, 2023).

Dessa maneira, quando surgem essas perguntas, aproveito o ensejo para falar sobre a ideia de Didática Circunstancial, prenunciada em outro escrito (Fortunato, 2022d). Ao pensar circunstancialmente a Didática, inevitavelmente precisamos acionar a percepção, a reflexão, a empatia etc. agindo pedagogicamente de forma muito diferente do prenúncio de uma Didática Geral, cujo mote é algo parecido com: é possível ensinar qualquer coisa a qualquer pessoa desde que se use as ferramentas corretas. Assim, a Didática Circunstancial não tem nada a ver com domínio de técnicas de ensinar, pois não se trata de transmitir os elementos listados no currículo, mas de questionar o que, porquê, quando, como e para quem se ensina o que se ensina.

A circunstancialidade da coisa implica uma errância pelo contexto histórico, pelo currículo, pelas pessoas que fazem parte do coletivo de uma disciplina... e como já registrei mais de uma vez, “é errando que se aprende” (Fortunato, 2022a).

E é dessa maneira errante que a disciplina de Didática Geral do segundo semestre de 2022, na licenciatura em Matemática, foi tomando forma, semana a semana. Enquanto essas explicações sobre outra Didática, sendo circunstancial e não programada, concreta, geral e igual para todas as pessoas, todos os cursos, todos os lugares etc., os estudantes e as estudantes foram

tateando por algumas ideias mais seguras, porque conhecidas: organizar seminários ou mesmo realizar leituras e fichamentos. Aos poucos, novas ideias iam sendo agregadas às possíveis propostas de trabalho, como a condução de um café filosófico ou coisa do tipo.

Até que, em determinado momento, foi ventilada a hipótese de se promover um sarau na disciplina – e que definição excelente dada por Silva Sousa e Medina (2021, p. 7): “sarau é um evento que promove momentos prazerosos e de aprendizados, pois os participantes podem apresentar obras, ideias e pensamentos de própria autoria ou não, enquanto elabora repertório artístico-cultural e político”. Realizar um sarau foi uma ideia que encantou o grupo, ao mesmo tempo em que trouxe diversos questionamentos e hesitações que podem ser sumariados em duas grandes perguntas: (i.) como participar se não tenho nenhuma habilidade artística?, e (ii.) como um sarau pode nos ensinar a ensinar?

Daí a fundamental intervenção das crônicas de Rubem Alves (1994, p. 76): “Agora o que desejo é que você aprenda a dançar. Lição de Zaratustra, que dizia que para se aprender a pensar é preciso primeiro aprender a dançar. Quem dança com as idéias descobre que pensar é alegria”. A lição de Zaratrusta foi incluída na crônica “Ensinar o que não se sabe”. Parece, à primeira vista, algo complicado e imprudente... afinal, como é que se vai ensinar algo que não sabe? Pois bem, ensinar o que não se sabe é errar e, como já exposto, é errando que se aprende.

De certa maneira, a primeira grande dúvida sobre o sarau começa a ser respondida pelo desejo de aprender a *dançar* – sendo que se poderia dançar ou selecionar outra habilidade artística. Começamos, então, a descobrir quem, entre os estudantes, eram pessoas já engajadas no mundo das artes, identificando que havia uma artesã que fazia trabalhos em e.v.a. como segunda renda, um músico que participava de um grupo de taikô², um amante da gastronomia e um entusiasta pela poesia. Dessa forma, descobrimos quatro artes para realizar nosso sarau.

Dando sequência ao planejamento coletivo, pensamos no formato, na duração, no cronograma e nos critérios avaliativos. Basicamente, considerando 3 aulas semanais de 50 minutos, decidimos que haveria um período de quatro semanas de preparação, realizada em sala de aula com apoio do professor, da seguinte maneira: os primeiros 50 minutos seriam destinados para discussão teórica sobre Didática, envolvendo autores clássicos e progressitas, e os demais 140 minutos destinados à organização específica de cada apresentação. Além disso, foi pensado em um interstício de uma semana entre cada performance, para que pudéssemos esmiuçar os

² Parte da cultura japonesa, pode-se saber mais sobre o taikê em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Taiko>

aprendizados inerentes à manifestação artística da semana anterior. Ainda, não houve nenhum tipo de controle sobre a formação de grupos para o sarau, ou seja, cada estudante pode escolher qual arte gostaria de se envolver mais.

Assim aprontamos nosso plano: 4 semanas de preparação seguidas por 1 semana de apresentação e 1 semana de revisão, de forma contínua até termos um sarau completo por quatro artes distintas. Estávamos prontos para a segunda grande questão, ou seja, como um sarau pode nos ensinar a ensinar? Dito de outra forma: qual a relação entre um sarau e a Didática? Essa dúvida foi colocada como desafio a ser enfrentado pelos grupos, tornando cada apresentação algo além da performance contemplativa, mas também educativa.

Ao longo das semanas de preparação, sempre aproveitava os primeiros 50 minutos para dialogar sobre Didática e os desafios da área, particularmente na tentativa antiga de rompimento com a ideia clássica de uma pretensa didática magna, sendo possível ensinar qualquer coisa a qualquer pessoa – críticas um pouco mais profundas sobre isso podem ser lidas em outro ensaio (Fortunato, 2022b). Assim, pouco antes de darmos início às performances educativas do sarau, trouxe mais uma vez Rubem Alves (2007):

Sugeri, faz muitos anos, que, para se entrar numa escola, alunos e professores deveriam passar por uma cozinha. Os cozinheiros bem que podem dar lições aos professores. Foi na cozinha que a Babette e a Tita realizaram suas feitiçarias... Se vocês, por acaso, ainda não as conhecem, tratem de conhecê-las: a Babette, no filme “A Festa de Babette”, e a Tita, em “Como Água para Chocolate”. Babette e Tita, feiticeiras, sabiam que os banquetes não começam com a comida que se serve. Eles se iniciam com a fome. A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir fome.... (Alves, 2007, p. 1)

Essa citação é da pequena crônica “A arte de produzir fome”, que *caia como uma luva* para estréia de nosso projeto de sarau educativo, afinal, a primeira arte em performance didática era justamente a gastronomia. E Rubem Alves (2007) teria dito que a verdadeira cozinheira é a que domina a arte de produzir fome para, logo em seguida, dizer que a docência é também uma arte, a de produzir a vontade de aprender. E não é que o sarau iria corresponder às expectativas de Rubem Alves?

Nosso campus, embora seja muito grande, há diversos espaços pouco utilizados... Há muitas salas desarmoniosamente ocupadas e outras nem tão ocupadas assim. Pois é num desses locais que há um pequeno refeitório destinado ao uso dos servidores do campus que o sarau aconteceu. Apesar de dentro do refeitório haver uma pia e uma mesa de apoio, não parecia

mesmo ser o local mais apropriado para um sarau; afinal, o acesso ao refeitório era uma espécie de corredor/depósito, cheio de caixas e diversos materiais de uso de manutenção do prédio ou apenas a serem descartados.

Mas, a (metafórica) fome se tornou tão grande, que o canto de depósito de tralhas foi transformado em um lugar de acolhimento: mesas postas com toalhas, ornamentos e flores, como se fosse um restaurante. Havia música, decoração e um grupo de estudantes preparados para tornar uma habitual noite de quinta-feira, em meados de setembro, em um evento a ser guardado na memória perene.

Os quatro jovens estudantes que conduziam esse sarau o fizeram com música ambiente, cardápio explicativo, apresentação oral descritiva dos condimentos trazidos para a apresentação, jogo interativo do tipo *quiz*... enfim, rechearam a noite de Didática com um espetáculo sobre gastronomia. Mas, não só isso, pois foram muito além: trouxeram um fogareiro de acampamento, gás, panelas e utensílios para que fosse possível fritar batatas e frango.

Depois de explicar sobre cada condimento que trouxeram ao sarau, desafiaram a nós, participantes, a realizar o preparo do frango de acordo com nossa preferência. Assim, nas mesas, tivemos a oportunidade de manusear os pedaços de frango à passarinho, com luvas para cozinha que também trouxeram para a apresentação, e deixar o alimento marinando enquanto nos serviam batatas fritas para serem temperadas à nosso gosto. Pois então fritaram os pedaços de frango temperados de diferentes maneiras³.

Ao longo de mais de oito anos no ofício de professor formador, posso afiançar que não havia presenciado – e participado – de uma apresentação de trabalho avaliativo em que houvesse tamanho envolvimento de todas as pessoas de um grupo, que tivesse tanta atenção aos detalhes, ao conteúdo, à forma e dedicação à entrega. Mas, vivenciamos isso: tivemos uma incrível experiência de aprender sobre gastronomia que minha vontade seria a de encerrar o semestre ali mesmo, pois já tínhamos alcançado as possíveis expectativas, demonstrando ser possível, como preconizava Rubem Alves, de produzir a fome pelo saber. Não só isso, pois fomos muito mais adiante, revelando ser possível alimentar até a saciedade, por meio de atividades coletivas, e cooperativas.

³ Algumas fotos do ambiente do sarau podem ser vistas neste link: https://drive.google.com/file/d/1WLXSLgC8qWBygBPXfs0Yvxtd6Y2T6rz5/view?usp=share_link

Depois de encerrado o horário oficial da aula, permaneci com o grupo até reestabelecer o local ao que era: um corredor entulhado de caixas e outras tralhas, não sendo possível identificar que ali havia sido o lugar de uma aula que alcançava nível mais elevado de excelência na formação de professores. E o mais curioso: fritando frango.

Seguindo o cronograma que foi estabelecido (com pequenas alterações por causa de eventos importantes que foram surgindo, como a Semana da Matemática que teve sua data alterada e o lançamento de um livro de uma colega professora), tivemos os demais saraus conduzidos de maneira brilhante. Cada um à sua maneira, em locais distintos do campus, pudemos aprender mais sobre o artesanato em e.v.a., sobre música e instrumentos não convencionais, como ocarina e taikô, e sobre poemas e poesias, afluindo a criatividade ao compor versos sobre educação e escola.

Daí aquela contundente pergunta – como um sarau pode nos ensinar a ensinar? – foi respondida conforme as apresentações foram acontecendo, descortinando ideias muito diferentes de uma didática magna, tornando-se Circunstancial. Nas nossas rodas de conversa de avaliatórias sobre os aprendizados, elementos importantes foram ventilados ao grupo que, quiçá, se tornaram parte do repertório reflexivo, inflexivo e autoformativo nosso (dos licenciandos e do professor formador):

- Existem diversas formas de ampliar nossos conhecimentos, indo além da habitual educação bancária e da exaustiva repetição de exercícios de memorização;
- É possível desenvolver habilidades e saberes por meio de avaliações sem tensão ou pressão;
- Diversão e criatividade e o processo de ensino e aprendizagem podem ocorrer simultaneamente;
- O trabalho em equipe efetivamente coletivo e colaborativo pode existir na graduação;
- É admissível a coexistência entre alegria e felicidade e formação docente;
- A coerência entre um discurso educativo de transformação e sua prática existe e foi vivenciada ao longo do semestre...

Assim, esses elementos pinçados ao final do processo ajudam a compor a Didática Circunstancial como um modo condizente com uma outra formação de professores, que busca a transformação do arcaico modelo bancário. Fica a esperança de que o sarau desse segundo semestre de 2022 apenas balize outras circunstâncias didáticas, para que a educação seja mais humana. É o que precisamos.

Referências

ALMEIDA NETO, A. F.; FORTUNATO, I. 30 Pontos da Educação Nova de Adolphe Ferrière: um estado do conhecimento, 2023. [artigo submetido]

ALVES, R. A arte de produzir fome. **Rubem Alves Blog Não Oficial**. [S.l.], 16 de agosto de 2007. <https://rubemalves.wordpress.com/?s=fome>

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. Indaiatuba: ARS poetica editora ltda, 1994.

IMBERNON, F. Célestin Freinet, una pedagogía actual y vigente. **Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p. 591-595, 2017. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.1.2017.9664>

FORTUNATO, I. Um dilema sobre a formação inicial de professores de física e matemática: um ensaio complicado. **RevIn**, Itapetininga, v. 3, e022012, p. 1-10, 2022a.

FORTUNATO, I. A Didática na formação inicial docente: experiências de um professor formador em (auto)formação. **Rev. Inter. Educ. Sup.**, Campinas, v. 8, e022009, p. 1-18, 2022b. <https://doi.org/10.20396/riesup.v8i00.8661350>

FORTUNATO, I. O trabalho na pedagogia Freinet, ou seus marcos pela renovação da educação. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara v. 26, e022140, 2022c. <https://doi.org/10.22633/rpge.v26i00.17299>

FORTUNATO, I. **Educação e escola e direitos humanos e sociedade... e docência: a autoformação alvitrada**. Tese (doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022d.

FORTUNATO, I. 2020 e a pandemia do ensino remoto. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara v. 25, n. 2, p. 1053-1070, 2021. <https://doi.org/10.22633/rpge.v25i2.15194>

FORTUNATO, I. Práticas pedagógicas no Ensino Superior: relato de experiências com a disciplina didática em licenciaturas. **Rev. Inter. Educ. Sup.**, Campinas, v. 6, e020039, p. 1-13, 2020. <https://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8655958>

FORTUNATO, I.; CUNHA, C. R. 50 Anos dedicados à pedagogia Freinet: um encontro com Rosa Maria Whitaker Sampaio. **Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p. 554-563, 2017. <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.1.2017.9661>

FORTUNATO, I; RODRIGUEZ, M. E.; ARAUJO, O. H. Educar em tempos de pandemia: algo possível? **@mbienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 350-368, 2021. <https://doi.org/10.26843/v14.n2.2021.1127.p350-368>

SILVA SOUSA, A.; MEDINA, M. F. R. O SARAU COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA. **Revista Extensão**, Palmas, v. 5, n. 1, p. 7-12, 2021. <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/5225>